

PSICOLOGIA

Lembranças de um cientista, negro

Por Ana Luiza dos Santos Julio

Psicologia, psicoterapeuta. Especialista em Psicoterapia, Mestre em Educação, Professora do Centro Educacional Metodista do Sul (IPA), e Doutoranda em Psicologia, pela PUCRS
E-mail: a-julio@hotmail.com



“Os verdadeiros inimigos que causam as degenerações nervosas, são a ignorância, o alcoolismo, a sífilis, as verminoses, as condições sanitárias e educacionais”

JM



Juliano Moreira. Entrei em contato com este nome pela primeira vez quando eu ainda era estudante de graduação em psicologia. Na ocasião, pensei tratar-se apenas de um manicômio, pois esse nome era associado a essa instituição. E acontece que naquela época, no contexto da Constituição Cidadã e dos primeiros movimentos de implantação do SUS, que preconizava justamente a desinstitucionalização dos manicômios, esse tipo de instituição causava uma certa ojeriza, por isso, quase tudo em relação a elas era posto de escanteio. Acredito que foi também por isso que não foi possível conhecermos na ocasião, quem era o homem Juliano Moreira.

Mas se tem coisas que a história às vezes pode fazer, uma dessas é a reparação. Graças à Lei 10639/03, através do *Programa A Cor da Cultura*, que nos trouxe o benefício de conhecermos algumas das figuras negras que muito ilustraram nosso país, pude rever [e indico para quem ainda não viu, o documentário “Heróis de todo o mundo”¹] a pessoa de Juliano Moreira.

Antes de seguir falando de Juliano Moreira, eu fico me indagando como pode haver pessoas como um professor de medicina da UFBA, que apareceu na mídia, mais ou menos no ano 2006, dizendo que as cotas para negros na Faculdade de Medicina da UFBA, “baixaria o nível daquela faculdade”? Talvez esse senhor não conheça a história do Brasil, de Salvador, da Faculdade de Medicina da UFBA. Sim, porque foi lá que, em 1885, Juliano Moreira, então com 13 anos de idade, mesmo sob a égide de uma cultura impeditiva de que negros e negras ingressassem na escola regular², teve acesso à educação e ingressou naquela faculdade.

E quem é, afinal de contas, Juliano Moreira? É um negro, nascido em Salvador, no ano de 1872, filho de um português, inspetor de iluminação pública e de uma negra doméstica, que trabalhou toda a sua vida na casa do Barão de Itapuã, que foi, naquela época, um renomado médico baiano.

Juliano, cedo em sua vida dominou as línguas inglesa, francesa, italiana e alemã. Estudou com empenho a medicina, investindo sempre na qualidade de vida dos brasileiros. Negou-se a aceitar as críticas que eram feitas ao sujeito brasileiro, quer fossem negros, quer fossem mestiços que eram considerados como portadores de “vícios tropicais”, talvez o jeito do brasileiro naquela época.

Ele opunha-se à idéia de que a tropicalidade trazia malefícios às pessoas, apontando para a necessidade de se criar condições sociais para que aqueles brasileiros pudessem se desenvolver adequadamente. Alegava que os malefícios eram trazidos pela falta de higiene, pelas verminoses, fruto da falta de saneamento, pela sífilis, pelo alcoolismo e, por fim, pela falta de educação. E em que ele se embasava? É preciso lembrar que naquela época, a certas parcelas da população era negada a educação formal. Portanto, Juliano percebia que todos (homens e mulheres, de todas as raças, de todas as idades, de todos os tipos e jeitos) quando respeitados e considerados naquilo que são, tendem ao crescimento emocional e social. Que quando se oportuniza acesso aos cuidados básicos, à alimentação, à educação, enfim, quando as pessoas têm condições adequadas de vida, elas podem viver adequadamente. Nesse sentido, ele se opunha a Nina Rodrigues, para quem os negros e os mestiços eram portadores de degeneração, a qual se propagaria na mistura racial.

Claro que se trata de alguém com altas habilidades. Mas, talvez, a maior de suas habilidades tenha sido a do trato com todos os seres humanos que o procuravam. Diz-se que jamais se negou a receber quem quer que fosse que o

¹ Pode ser acessado no site: www.acordacultura.org.br

² Lei nº 14 de 22 de dezembro de 1837: “os escravos e pretos, ainda que sejam livres, ou libertos”, ficam proibidos de frequentar escola. Esta lei refere-se à Província de São Pedro, RGS; há que se averiguar se no restante no Brasil, isto se deu desta forma, o que acredito que sim.

procurasse. Que a todos atendia com o mesmo jeito e atenção. Ora, num Brasil que vivia intensamente o dilema das questões raciais, pautadas no cenário internacional pela abolição da escravidão negra, e no cenário nacional, com a política do branqueamento, ter, na figura de um negro, alguém, com tantos dotes intelectuais, morais e afetivos, devia ser difícil de ser “digerido”. Talvez fosse fácil acusar de vadios, aos negros e negras que se encontravam nas ruas, sem considerar que se encontravam às margens, propiciadas pelas faltas de condições sócio-raciais. Difícil seria ter que acatar e reconhecer um homem negro, portador de tão altas habilidades. Por essa razão, creio, ainda não tenha recebido o destaque que merece.

Continuo a apresentar sua capacidade de superação. Aos 23 anos, no ano de 1896, Juliano Moreira candidata-se à Cátedra de doenças nervosas e mentais, na UFBA, tendo que submeter-se a uma banca composta por “declarados escravocratas” que, contudo, diante de sua exposição oral, não tiveram como recusá-lo. Antes pelo contrário, aclamaram calorosamente sua exposição. Sua contribuição para a medicina nacional da época foi intensa, criando, inicialmente a Sociedade de Medicina e Cirurgia e de Medicina Legal. Hoje, talvez, estas informações pareçam um tanto sem propósito. No entanto, é necessário lembrar como era aquele Brasil do final do século XIX e início do século XX. Havia não apenas falta de recursos humanos, falta de recursos técnicos e materiais, mas, ainda por cima, um intenso racismo, ainda não disfarçado. Se pensarmos nesse ambiente, e de que, mesmo com todas essas condições adversas, esse homem teve a habilidade humana e intelectual de liderar grupos de médicos, fazendo-os integrar associações, sociedades, escolas, enfim, conseguiu unir os profissionais para que, juntos, passassem a elaborar uma medicina tropical, uma medicina brasileira, penso que, só por isso, Juliano Moreira não poderia passar despercebido na história da medicina brasileira.

Mas a coisa não para por aí. Quem é da área de *psi* (psiquiatria, psicologia) deve lembrar de Kraepelin e da escola alemã de psicopatologia. É provável que as pessoas não saibam que Juliano Moreira e Kraepelin eram amigos e correspondentes. Foi a partir das cartas trocadas com Kraepelin, que Juliano começa a pensar numa psiquiatria brasileira. Que Juliano preocupa-se com a humanização da psiquiatria, lá nos inícios do séc. XX. Hoje isso é a ordem do dia do SUS, a humanização das relações, dos atendimentos, enfim humanização da saúde.

Em 1917, Juliano cria a Academia Brasileira de Ciências e a preside de 1926 a 1929. Cria, também neste período, a psiquiatria forense. Há quem diga que em 1928, criou a Seção Rio da Sociedade Brasileira de Psicanálise. Conflitou durante muito tempo com o médico legista Nina Rodrigues. Nina acreditava que a miscigenação, a mistura das raças, por si só, traria um imenso prejuízo ao Brasil. Por isso preconizava a política do branqueamento através da qual a mistura se daria, até branquear. Para Nina, as características negras, a herança negra, é a marca da inferioridade, que deveria ser apagada no Brasil. Acreditava, também, que a insanidade mental tinha sua causa e origem na mistura das raças. Esta era a razão principal da discordância entre os dois. Se Nina acusava o fracasso nacional à mistura racial, Juliano, ao contrário, propunha uma medicina inclusiva, defendendo, naquela época, todas as minorias excluídas. Juliano objetivava universalizar a psiquiatria brasileira, tornando-a por princípio, uma psiquiatria nacional, ocupada com os homens e com as mulheres desta nação, e, sobretudo, vendo-os a partir do que são, enquanto sujeitos que vivem, sofrem e reagem aos preconceitos.

Sua primeira grande marca foi, quando diretor do manicômio, tirar as grades das janelas e das enfermarias, e não mais tratar aos internos com camisas de força. Enquanto diretor do manicômio, Juliano dedicou-se a fazer reformas éticas e materiais, recuperando pessoas e edifícios. Reconstruiu pavilhões, transformando-os em grandes oficinas, introduzindo a técnica da terapia ocupacional aos chamados “insanos”, coisa que mais tarde tornou-se a vertente de ação de Nise da Silveira. Juliano criou oficinas de carpintaria, tipografia, encadernação, marcenaria, etc. Seu objetivo era não apenas tratar humanamente os internos, oportunizando um trabalho, como, posteriormente, que eles pudessem gerar renda.

Considerando que isso não era suficiente, Juliano implantou, no andar acima das oficinas, um piano que era tocado, o tempo todo, por um pianista clássico. Seu objetivo não era outro senão o de que a beleza da música clássica, rompendo pelos corredores, fosse se alojar nos ouvidos e almas dos pacientes. Aos poucos, Juliano Moreira foi tornado o hospital que dirigia, num grande centro cultural, dotado até mesmo de uma biblioteca, também por ele implantada para servir aos internos.

Em cada uma das suas ações, vê-se que pensava nos detalhes e, justamente ali, nos detalhes, é que imprimia sua marca de humanidade e de gosto pela vida. Rapidamente foi reconhecido pelo mundo científico internacional compondo, todo o tempo, ações para que a saúde, como um todo, e a mental especificamente, fosse obtendo seu espaço. Assim, acompanhando mais ou menos sua cronologia: funda, em 1905, os Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciências afins; em 1906, dá início a exames laboratoriais de grande sofisticação, a exemplo, o exame citológico de líquido-encéfalo-raquiniano; em 1907 é eleito Presidente honorário do Congresso de Assistência a Alienados, em Milão. Nesse mesmo ano passa a fazer parte do Instituto Internacional para o estudo da Etiologia e Profilaxia das Doenças Mentais. No decurso desses anos participou de todos os grandes eventos internacionais sobre doenças mentais e foi sempre considerado por seus pares, em função de sua grande contribuição para o desenvolvimento e crescimento dos estudos em questão. Em 1910, a Revista *Psychiatriche, Neurologische Wondechens Hirif*, publica a galeria dos proeminentes psiquiatras de todo o mundo. Das Américas, apenas o nome de Juliano Moreira é citado. Em 1913 passa a representar o Brasil no Comitê Internacional, da Liga Internacional contra a Epilepsia. Já no Congresso Jubilar da *Societé de Médecine Mentale* da Bélgica, foi aclamado, junto com Dupré e Lepive (franceses) e Mott (inglês), membros honorários daquela sociedade. Em 1918, passa a ser membro organizador do Congresso Internacional de Medicina, realizado em Budapeste. Em 1921, cria o primeiro Manicômio Judiciário no Brasil, e do continente sul-americano. Durante os anos de 1906 a 1922, preside os Congressos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal.

Em função de sua origem étnica e também por sua nacionalidade, empenhou-se em desenvolver o que chamou de “patologia comparada”, demonstrando interesse nos aspectos culturais, formadores da psiquiatria. Combatia com rigor os termos pejorativos “maluco” e “doido”, pautado no que considerava fundamental: o respeito ao sujeito. Manteve, sempre, uma postura de combate aos preconceitos e às discriminações. Em 1928, em função dessa postura, recebeu uma insígnia chamada “Ordem do Tesouro Sagrado”, entregue pelo Imperador do Japão, destinada apenas a pessoas consagradas na ciência mundial. Uma das razões, atribuídas pelo Império japonês, além do óbvio reconhecimento de sua capacidade

científica, foi em razão de Juliano ter sido um ferrenho defensor do povo japonês, no período em que o Brasil, racista, reagiu discriminadamente à imigração japonesa, nomeando o “perigo amarelo”. Na Alemanha, recebeu da Universidade de Hamburgo, a medalha de ouro, tida como a mais alta honraria prestada a um professor estrangeiro. Ao voltar ao Brasil, após uma série de incursões internacionais, ávido por retomar seu trabalho junto aos “insanos”, e na intenção de implantar novas transformações físicas e administrativas foi, porém, surpreendido pelo Governo Vargas, em 1930, que o destituiu da direção do Hospital e o aposentou.

Sentindo-se castrado em seu sonho de cura da alienação mental, perdeu o interesse em permanecer trabalhando, deixando-se abater e consumir pela doença que já, há muito se apossava dele, a tuberculose. Como um workaholic, Juliano Moreira não tirava tempo para cuidar de sua própria saúde, ainda que, contraditoriamente, fosse intensamente dedicado às questões da saúde. Em maio de 1933 falece e, com ele, enterra-se, no Brasil, uma medicina que poderia ser hoje inclusiva, desalienante e, sobretudo, promotora do bem estar social, físico e emocional de todos os brasileiros e as brasileiras.

REFERÊNCIAS:

Campos, Regina Helena de Freitas (org.) **Dicionário biográfico da psicologia no Brasil**: Pioneiros / Imago Editora - Rio de Janeiro - 2001 - 461 p.

MOKREJS, Elizabete. **A psicanálise no Brasil**: as origens do pensamento psicanalítico. Petrópolis: Vozes, 1993.

Costa, Jurandir Freire. **História da Psiquiatria no Brasil**: um corte ideológico. Rio de Janeiro, Xenon Ed., 1989

MOKREJS, Elizabete. Classificações em medicina mental. **Archivos Brasileiros de Neuriatria e Psychiatria**, anno 1, 1º trimestre, 1919.

ODA, Ana Maria G.R.; Dalgalarrodo, Paulo. Juliano Moreira: Um psiquiatra negro frente ao racismo científico **Revista Brasileira de Psiquiatria**. Vol 22, nº4 São Paulo, Dec 2000

<http://www.acordacultura.org.br/heroisdetodoomundo>